

LIGIA PAPE é Artista visual, cineasta, programadora visual. Formada em Filosofia, é Mestre em Estética Filosófica pela UFRJ e leciona na Escola de Belas Artes da UFRJ. Participou do Movimento Neoconcreto e fez exposições no Brasil e no exterior. Foi bolsista da Fundação Guggenheim (81/82). O presente texto é parte da Dissertação de Mestrado "Catiti-Catiti na Terra dos Brasis". Ilustrações da autora.

## morar na cor Ligia Pape



Construções ecléticas, Santa Cruz, RJ



As manifestações arquitetônicas do entorno da cidade do Rio de Janeiro, caracterizam-se por uma animação visual que organiza o olhar para revelações cromáticas que incendeiam a paisagem pelos vermelhos, amarelos ou pedaços de azul. Emblemáticas surgem como signos e localizam-se como sistemas de representação: enormes gestalts colorísticas.

Somente nas áreas de geografia suburbana ou rural podemos encontrar essa liberdade existencial - o expressar-se no espaço do coletivo - virado para fora, aberto ao mundo como uma fruta que rompeu a casca; o dentro e o fora como iguais: uma "fita de Moebius".

O morador que vive o espaço interno dessas casas é o mesmo que se expressa com vigor e sensualidade para fora, gesto franco de "morar na cor".

Essas concretudes de amarelos, verdes, rosas, vermelhos e um incrível azul- ultramar-suave formam blocos sólidos geométrizando a percepção que resvala por entre galhos ou pelo capim que se movimenta em onda na Baixada. O homem dessas paragens fala aos berros de sua vontade de cor, e te imprime ao passante mais desavisado sua marca e sua presença.

É por esses elementos cromáticos que vamos localizar os sintomas de uma linguagem típica, regional. Talvez pudéssemos precisar arquétipos colhidos no comportamento do índio brasileiro (ancestral de muitos moradores dessas localidades). Essa vontade decorativista reflete uma escolha cultural e mítica: a cor como pintura do corpo, a cor como pintura da casa que é o corpo-próprio do morador, em questão.

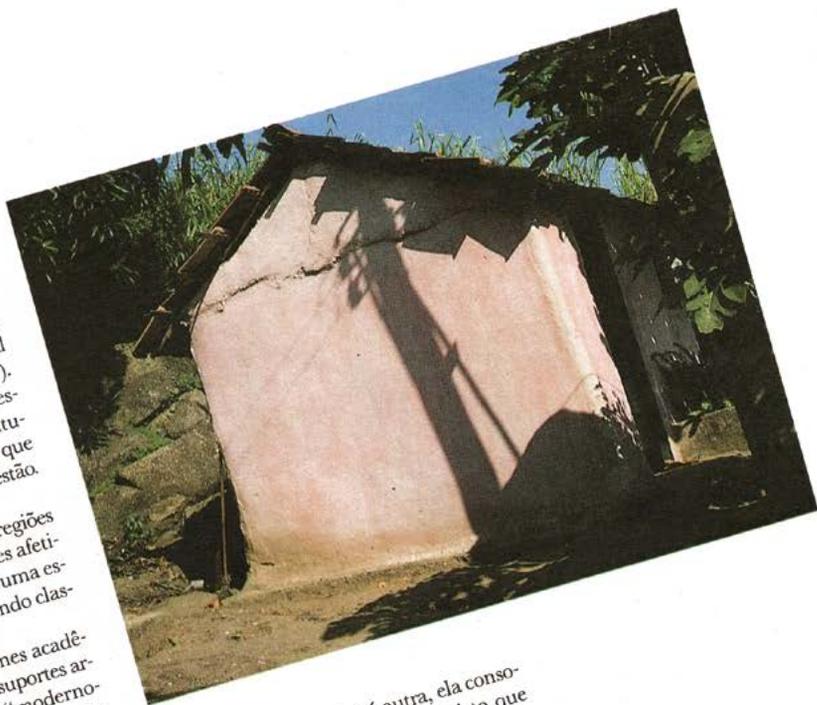
O processo repete-se em certas regiões de forma permanente: apropriações afetivas de escalas cromáticas revelam uma escolha pessoal, sensível, ultrapassando classificações esteticistas.

Essa postura fora dos cânones acadêmicos agrega-se sobre variados suportes arquitetônicos: Ecletismo, casas "modernas" cobrem-se de marron com algumas geometrias rebordando frontões de um recubo que em geral se apresenta de alvenaria branca, porta e duas janelas (Lucio Costa indica como o primeiro modelo da casa brasileira) que vamos localizar as mais extremadas manifestações de uso da cor.

No Sertão Carioca as casinhas são farramente pintadas: a fachada de uma cor, as laterais de outra, portas e janelas em contraste, nas combinações sutis do imaginário popular; e é na zona de Santa Cruz que recolhemos os mais deliciosos modelos; e onde localizamos uma comunidade, todos voltados para o uso profuso da cor de forma expressiva: como um inconsciente coletivo por impregnação.

Que impulso leva o morador dessas áreas a decorar suas casas com tal riqueza e delicada beleza?

Não se trata de uma exigência de funcionalidade como nas casas recobertas de ladrilhos tão comuns na zona suburbana ou em beira-de-praia, que serve como proteção ao calor excessivo e garante durabilidade ao prédio, fato que tranquiliza o usuário e logo em seguida transforma-se em modelo de uma "estética" local.



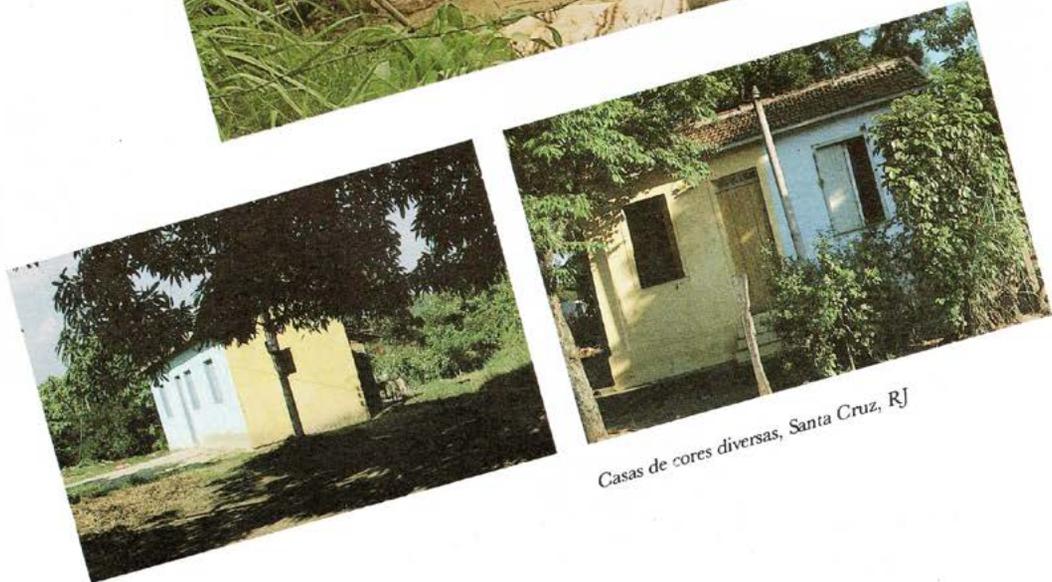
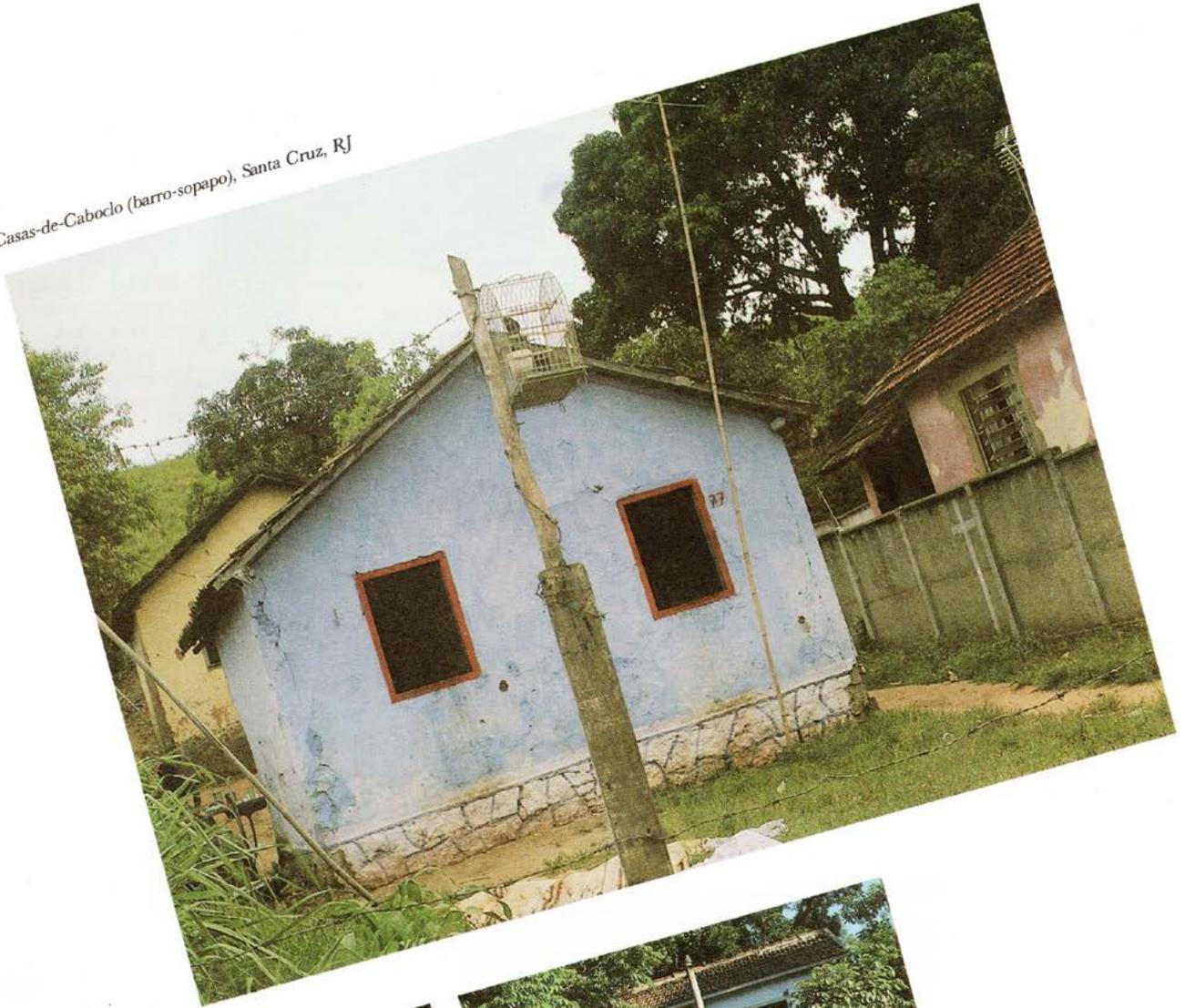
Não, sua dinâmica é outra, ela consome maior quantidade de tinta visto que usa poucas áreas para cada cor, cobre de tinta um emboço muitas vezes de massa fraca, até mesmo de barro-sopapo; mas o resultado, fruto de uma intencionalidade, é único, espécie de paleta-de-familia e que poderá mudar, na nove reforma, em combinações que conduzem o morador dessas áreas e surpresas visuais contínuas, que poderiam ser consideradas gratuitas, mas que no entanto são profundamente necessárias ao seu viver.

Esses fenômenos espontâneos engendram sistemas de comunicabilidade visual que desde longe sinalizam a morada de cada um, desenvolvem um tipo de repertório próprio, sem nenhuma vinculação é moda ditada pela mídia eletrônica, sematizam o espaço como sólido s geométricos, essas casas, como se fossem objetos "readymades" na imensa fluminense. Conceituá-los como objetos dá-lhes uma conotação de mágica irreverência, como em "Dada" e revelam a invenção que pulsa incógnita, humilde, dentro de um projeto mais amplo do que seria a arquitetura no Brasil.

Mario Pedrosa ao examinar os padrões da inventividade na arte falava do "exercício experimental de liberdade", que localizamos vital nessas manifestações da chamada "não-arquitetura", modelos que incidir a nossa atenção e a nossa admiração porque produtos autênticos do homem que cria.

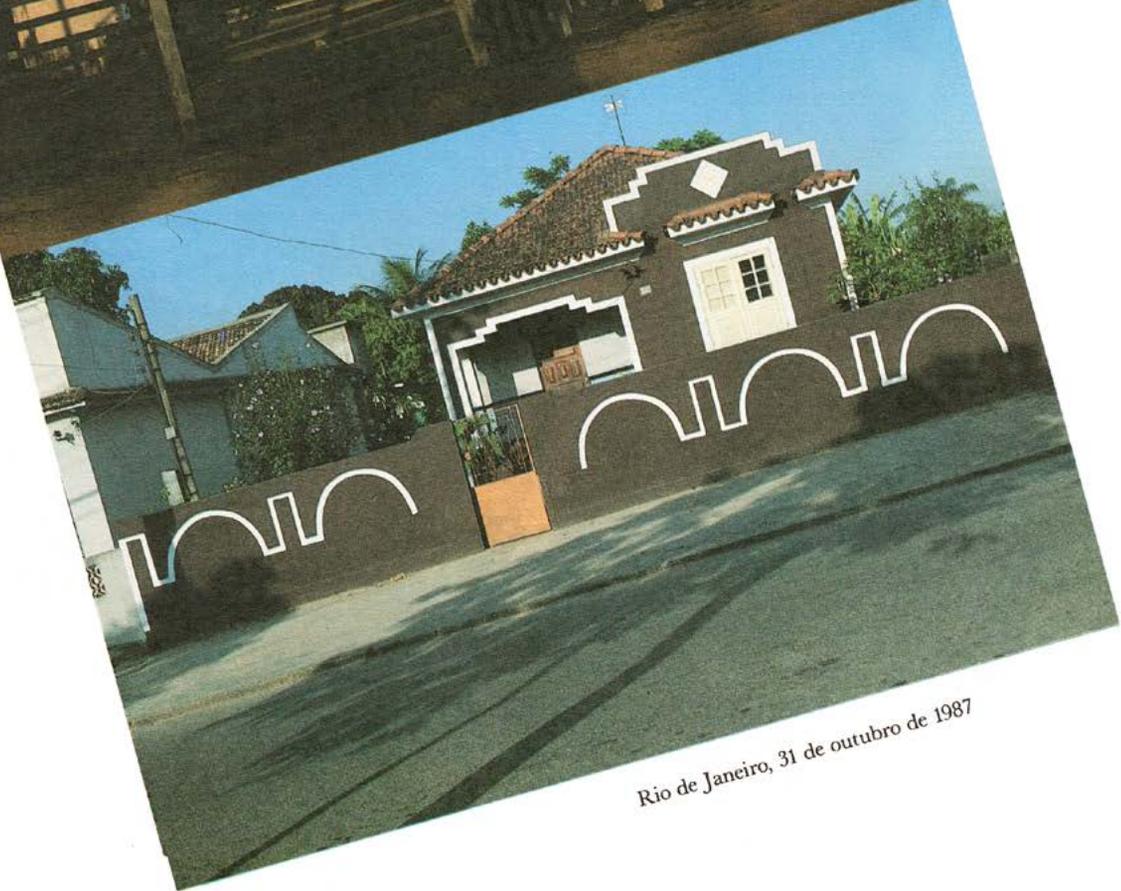
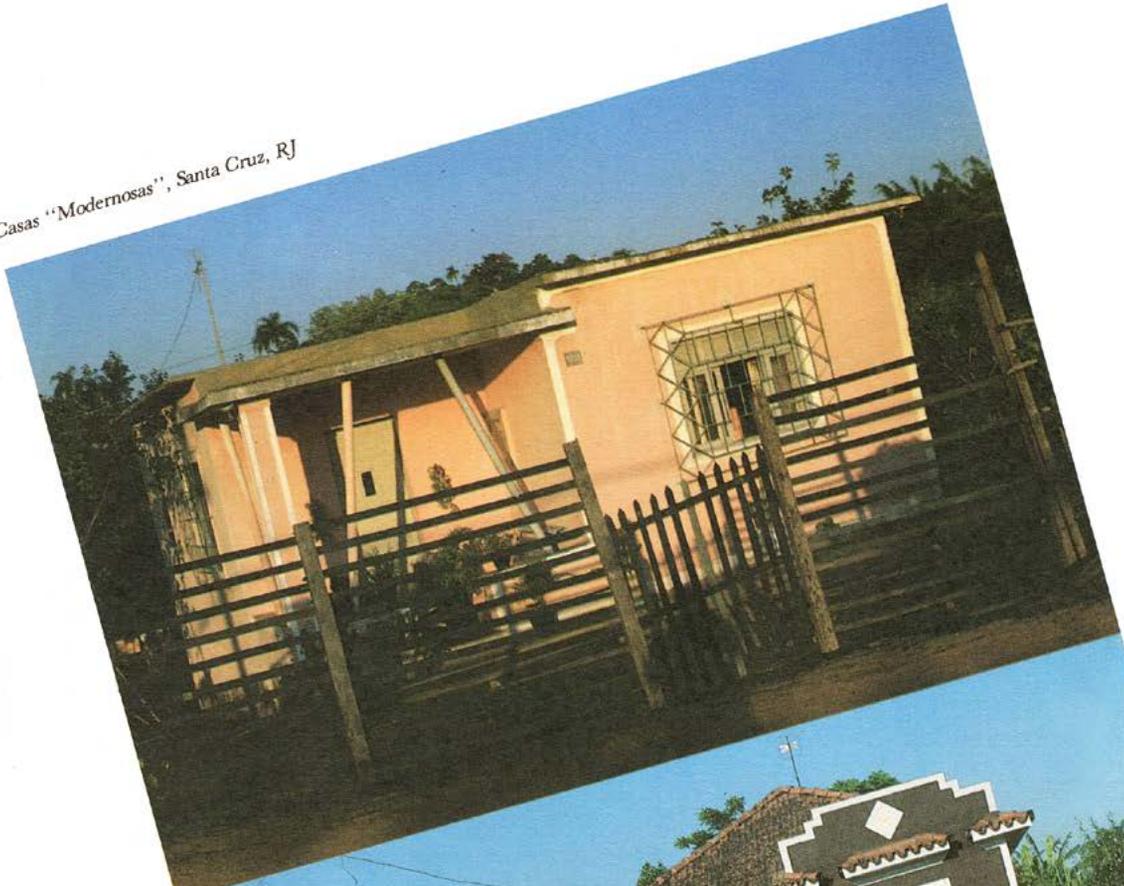
E cria, porque vive.

Casas-de-Caboclo (barro-sopapo), Santa Cruz, RJ



Casas de cores diversas, Santa Cruz, RJ

Casas "Modernosas", Santa Cruz, RJ



Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1987